



MEU PRIMEIRO AMOR

“Não sei nem como dizer isso, mas, depois de tanto tempo, não pude evitar. Não sei mais de seus sentimentos, mas os meus mudaram. Claro que jamais esquecerei o que passamos, mas tudo à minha volta mudou. Muito tempo se passou desde que você partiu. Não pense que fui infiel, não sou esse tipo de homem, mas, como você está incomunicável, esta foi a minha solução. Sei que você ficará por aí durante quatorze meses, mas, para provar que não a traí, estou na metade do quarto mês. Sem mais delongas... Mudei-me para o Rio de Janeiro, com minha nova namorada... Esposa, considerando que você ouvirá isso quase um ano depois. Hum, espero que você fique bem... Beijo de quem jamais a esquecerá.”

Foi essa a mensagem deixada na minha secretária eletrônica, cerca de um mês atrás. Sua voz soava como se não soubesse como falar, mas estava decidido.

Como ele pôde? Tudo parecia ser tão verdadeiro! Fiquei magoada, mas esse não foi meu maior problema...

Eu saí para uma espécie de missão: salvar animais em extinção na Amazônia. A comunicação lá era impossível. A previsão era ficar quatorze meses, mas fui liberada no quinto mês. O motivo: estava me sentindo enjoada, pesada e muito sensível. Fui levada à enfermaria improvisada. Fiquei preocupada, queria continuar aquela missão.

— A senhorita não tem com o que se preocupar...— trocando a expressão séria por um belo sorriso — Você está grávida!

Aquilo me chocou! Claro que era um motivo para revê-lo, mas não me conformei. Seria muito azar, na primeira vez, engravidar. Perguntei à enfermeira se ela tinha certeza, e a resposta foi sim — exames de sangue não falham.

Fui liberada no quinto mês, uma semana depois da descoberta. Ao chegar a casa, antes mesmo de ligar para minha mãe, fui ligar para ele. Eu estava com muitas saudades e precisava contar a ele sobre nosso filho. Disquei, e o que ouvi foi a mensagem de que aquele número não existia. Só depois ouvi a mensagem deixada. Não me conformei! O que vivemos foi intenso demais para ser esquecido em tão pouco tempo... Resolvi ligar para a mãe dele, para pegar seu novo telefone. Quem me atendeu foi a empregada.

— Posso falar com a dona Sônia?

Ela demonstrou desconforto para me responder, pois reconheceu minha voz, até que finalmente respondeu:

— A dona Sônia foi para o enterro do Alê, querida!

Naquele momento, deixei o telefone cair, caí no chão, nunca me senti tão desnorteada...

Minha única lembrança do meu primeiro amor, o mais verdadeiro já sentido, seria apenas o filho que esperava.

Paula da Rocha Jorge
8º do Fundamental / Balneário
2010